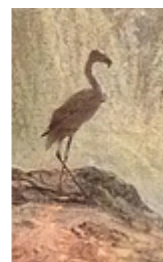


issn: 2176-5960

Προμηθεύς

journal of philosophy

n. 39 May / August 2022



APRESENTAÇÃO

Realizado “virtualmente” entre os dias 08 e 11 de novembro passado, na Universidade Federal de Sergipe – talvez fosse melhor dizer “pela” Universidade Federal de Sergipe, representada por seu Departamento de Filosofia e por seu Programa de Pós-graduação em Filosofia – o *Colóquio Virtual Filosofia, Estética e Juventude* foi a maneira que encontramos para colocar uma pergunta que nos parecia tanto inquietante quanto urgente. Incomodava-nos que a juventude de alguns filósofos fosse especialmente ressaltada. Assim, fala-se constantemente do jovem Hegel, do jovem Heidegger, do jovem Wittgenstein, etc., mas dificilmente encontramos alguma alusão ao jovem Kant ou ao jovem Kierkegaard, por exemplo. A juventude parece, assim, ser um elemento essencial do pensamento, digo, não um tema *para* a filosofia, mas um tema *na* filosofia. Ao mesmo tempo, essa caracterização tinha qualquer coisa que ver com questões estéticas, seja no que diz respeito aos sentimentos e afetos seja no que diz respeito à preocupação com o belo e a arte. Alguns filósofos parecem ter se dedicado a esses assuntos, ou até assentado suas filosofias em aspectos relevantes da reflexão sobre os sentimentos ou a arte, ou na juventude ou na velhice, mas raramente no seu período de maturidade, por assim dizer. Ora, isso nos inquietava. Há alguma conexão específica entre juventude, filosofia e estética? Não de uma maneira simplesmente temática, mas de um modo fundamentalmente importante para compreender a natureza do *pensamento*?

Alguns colegas responderam prontamente o chamado. As professoras Mariana Lins Costa e Laura Borba Moosburger assumiram imediatamente, junto comigo, a organização do evento. Os convidados logo sentiram que a reflexão era necessária e inovadora; ainda que não soubessem bem como atender o chamado específico do nosso evento, entendiam que havia um chamado “epocal”, histórico, para pensar a juventude e

sua relação com a filosofia. Destaco a coragem e a prontidão da Profa. Virginia Figueiredo, minha orientadora de mestrado e doutorado na Universidade Federal de Minas Gerais, que respondeu ao meu e-mail aceitando o convite para a conferência de abertura, embora não tivesse, segundo ela, naquele momento “a menor ideia” de como começar a abordar o tema proposto. Era uma modéstia socrática. Além disso, ela o fez porque, acredito eu, tinha, sim, uma ideia claríssima da urgência dessa reflexão. E o resultado é o texto que abre essa coletânea de artigos, gentilmente acolhidos pela revista *Prometeus*. Aproveito, então, para passar a falar dos textos, e em seguida completo a minha lista de agradecimentos, que é grande.

Neste dossiê, o leitor não encontrará artigos sobre um tema qualquer no “jovem Hegel” ou no “jovem Heidegger”. Aqui, a juventude não é acessória, ela é tema da própria reflexão, além de elemento fundamental dela. Assim, Virginia Figueiredo nos brinda com uma reflexão *em ato* sobre as Jornadas de 2013, no Brasil, em comparação com Maio 68 na França. Refletindo a partir do conceito de “acontecimento puro” em Deleuze, a filósofa também faz uma importante crítica do conceito, tendo em vista os variados elementos histórico-empíricos, talvez impuros, presentes naquele evento difícil de reduzir a uma única noção. Por isso, Virginia mobiliza tanto referências bibliográficas quanto conversas pessoais, uma “metodologia”, por assim dizer, impressionantemente iluminadora. Certamente, falar em juventude é falar de sua energia questionadora do poder (assim como a da filosofia?), e, permanecendo na mesma problemática, Bruce Ward nos oferece uma maravilhosa análise da radicalização política da juventude russa a partir de Dostoiévski. A juventude radical é observada, através da lupa do escritor russo, em toda sua beleza e ambiguidade.

Igor Morici investiga os reais fundamentos para a afirmação de Aristóteles de que o jovem não é um bom ouvinte de lições políticas, lançando não só uma luz retrospectiva sobre os artigos antecedentes, mas também esclarecendo uma importante questão controversa na literatura sobre o Estagirita, a saber, se a felicidade é acessível aos mais velhos. Este artigo também opera uma transição compreensível e necessária nos temas do dossiê, da juventude para a velhice, temas inevitavelmente correlacionados. Por isso, estamos já preparados, após a sua leitura, para a reflexão de Kibujjo Kalumba a respeito da filosofia dos sábios africanos. Renomado especialista no tema, Kalumba reconstrói a filosofia dos sábios a partir de seus precedentes, a saber, a etnofilosofia e as sistematizações baseadas no interlocutor, que tentam, cada uma ao seu modo, mostrar a

presença de uma reflexão filosófica sofisticada e crítica na África pré-colonial. Apesar de apontar limites à filosofia dos sábios, o autor se afasta, parece-me, daquelas perspectivas pós-modernas que procuram valorizar a filosofia africana, à qual poderíamos juntar certamente a ameríndia e muitas outras, a partir da simples diferença, procurando, em vez disso, identificar na África pré-colonial a ocorrência de uma reflexão crítica isolada e de segunda-ordem.

Continuando na temática da sabedoria, coextensiva à da velhice, mas não restrita a esta, Juliana Martone nos apresenta a filosofia de F.H. Jacobi. Um dos mais importantes pensadores contemporâneos aos filósofos do idealismo alemão, Jacobi reagiu contra a ideia de filosofia como sistema e advogou uma (não) filosofia viva e pessoal, resgatando o ideal socrático de filosofia como modo de vida ou “saber viver”. Arthur Grupillo retorna, depois dessas incursões pela velhice e pela sabedoria, ao tema da juventude, num ensaio que tematiza a ansiedade como característica principal desta época da vida e, elaborando a noção de ansiedade como “medo do tempo”, aponta contra a ideia de destino e contra as filosofias racionalistas e irracionais da história em nome de uma concepção do tempo histórico e individual como “aventura”.

Encerram o dossiê os artigos de Cristina Cubells e Geraldo Freire. O primeiro analisa a obra teatral do diretor suíço Milo Rau, na qual atores infantis e juvenis exercem um protagonismo dramático capaz de nos revelar aspectos até então pouco explorados da autorrepresentação das crianças. Muito do que sabemos das crianças e adolescentes advém de uma perspectiva “adultocêntrica”, tornando imprescindível investigar a visão das crianças sobre elas mesmas, sobretudo quando interpretam cenas adultas no teatro. Talvez elas tenham, então, muito a nos dizer não só sobre elas mesmas, mas sobre nós, os próprios adultos. O artigo de Geraldo Freire percorre, dos marcos da teoria crítica de Adorno e Horkheimer, as etapas da administração capitalista da juventude e também da velhice, mostrando a que perigos as sociedades apenas voltadas para o futuro, e que ignoram o passado, estão suscetíveis, sobretudo de um ponto de vista político.

Após essa breve apresentação do dossiê, gostaria ainda de agradecer todos os convidados e participantes do *Colóquio Virtual Juventude, Estética e Filosofia*, em particular aqueles que aceitaram gentilmente nosso convite para apresentar uma conferência, mas, por razões diversas, não estão presentes nesta coletânea. As apresentações de Paulo Arantes, Silvia Saes, Filipe Campello, Ulisses Razzante Vaccari e Mariana Lins, entretanto, ainda podem ser desfrutadas no canal do evento no YouTube

<https://www.youtube.com/channel/UCbHHcfc7cBk2jRpepOKnslg>), que preservou as gravações. Por fim, gostaria de agradecer a toda equipe do colóquio, especialmente a Mariana Dias Pinheiro Santos, mestranda em filosofia pelo PPGF/UFS, pelo projeto gráfico do evento, por nos ter capacitado a lidar com as tecnologias necessárias a um evento remoto e pela sua dedicação como um todo. Ainda não consegui entregar a ela o chocolate que prometi. Agradeço também a meus orientandos Matheus Freitas, Antunes Silva e Samara Nascimento, e à Renata Dias, também aluna da pós-graduação da UFS.

Arthur Grupillo

15 de agosto de 2022